

Aventuras de um Simplicio (1866), de Júlio Gonçalves (1846-1896)

I

O fantasma

1.º

Quem era Simplicio.

No tempo em que Pangim não era cidade, havia aqui cidadãos que passavam boa vida no centro desta povoação, humilde então, mas aprasível e pittoresca. Foi á essa classe de cidadãos panginenses que pertenceu Simplicio Fernandes, *o gago*, conhecido da rapasiada pelo nome de = *mestre gago* =.

Seu pae era piloto da barra. O filho, quando não fosse á mais, devia pelo menos aspirar a tenente da armada. -- Eu não sei se aspirou; mas sei que Simplicio *o gago* não foi mais que alfaiate, e hoje, se vivesse, nem isso era.

Posso dizer que simplicio, quando não muitas, umas trinta vezes pelo menos era com mais prestimo e habilidade que seu pai. Talvez isto mesmo fosse a maior causa de triste posição do filho. São destinos de cada um.

Quero dizer o porque desta minha supposição. O piloto-mor já via seu filho adiantado nos estudos de latim. Viuvo como era, e rapaz, e como mulheres sobraram sempre, passou á segundas nupcias, e tanto quiz á esposa que tomou gana ao filho.

Não sei o que tinha uma coisa com outra. Pois tambem Simplicio achava o mesmo, e nem por isso deixou de crer que seu pai o odiava por causa da mulher. O que me parece, he que o raro dos pais participava como bom marido da quizilia da madrastra ao enteado. Mas o que he certo, he que o sr. piloto embirrou um dia sem motivo com o filho, tirou-o da escola e obrigou-o á experimentar agulhas.

E assim, alfaiate ficou sendo o pobre pequeno; mas tanto se distinguiu em breve tempo no officio, que mestre Simplicio ganhou nomeada na comarca e foi conhecido como o melhor official do seu tempo, nesta terra dos Castros.

2.º

Em que tempo foi isto.

Vai coisa de trinta annos, vinte teria então Simplicio, existiam ainda em Goa os conventos e as comunidades religiosas.

Era um dia que estava annunciado para a concessão do *jubiléu*. *Jubiléu*, creio eu que quer dizer, absolvição plenaria das nossas culpas; e se a palavra deriva de jubilo, deriva bem; porque immenso jubilo prendia n'esses dias de purgação plena, completa, absoluta, inteira e geral dos nossos bichos de consciencia.

Era pois em dia de jubileu que todos os peccadores contritos desta Samaria affluíam aos conventos, situados na grande cidade, a realizarem ali, sob a graça paternal e sacrosanta dos benditos frades, as precisas practicas devocionaes.

Iam, e iam todos; e Simplicio que ainda então não era mestre nem aprendiz, mas um pobre rapaz sahido do latim para entrar em qualquer parte aonde o mandasse seu pai, Simplicio tambem foi.

3.º

Simplicio de caminho.

A's cinco horas de manhã, ouvidas ao relógio do visinho que regulava como a cabeça do dono, sahiu Simplicio da sua casa, enfiando um jaleco azul com uma pantalonada da mesma côr, -- de bonet e chinellos brancos, e um bordão de *pau de rosa* para se deffender de qualquer coisa, e um bolo de trigo, para o peor dos aggressores, que podemos nos ter, interno e repentino -- a fome.

Cem passos distante dea sua habitação ouviu outro relógio batter 4 horas. "Isto vai como a ordem do mundo, disse o caminhante, sempre retrogrado; -- Deus queira que eu chegue ao meu destino, antes das 3. -- E tres horas lhe soaram outros cem passos adiante, estando ainda em Pangim".

Qual dos tres falla a verdade? murmurou comsigo Simplicio. Reflectiu porém que o terceiro era um dos que passava por pouco mentirosos, graças aos cuidados do seu dono. E convenceu-se então que tinha madrugado muito

O filho do piloto, porém, não eraq homem de andar como os relógios nem como o mundo. Voltar para traz he coisa que nunca fez nem faria de modo nenhum.

Seguiu pois sosinho e vagaroso pela ponte avante, por essa immensa ponte que nos fica ahi em memoria do conde de Linhares, d'quelle nomeado D. Miguel de Noronha, que não faltou entre nós quem o enforcasse em estatua por o não pilhar em corpo e alma.

Por essa ponte, dizia eu, foi seguindo o corajoso peregrino que se consolava de ter um pau tão forte como elle para ficar vencedor a quanto berzebus viessem porventur ao seu encontro n'aquellas solidões, como fanatismo, não contente de fazer crêr, apregoava.

4.º

Ribandar

Entre vagos receios e força de animo, andando foi o sr. Simplicio Fernandes e quatro e meia horas já eram quando chegou á Ribandar.

Por todo o solitario caminho que levara até ahi, nenhuma encontrou elle de tantas alminhas de outro mundo, que se dizia andavam por lá. Ao fim da ponte convenceu-se o esperto viandante de quão caricato he o fanatismo, especialmente em chegando ao ponto das fantasmagorias nocturnas.

Chegava elle, e devoto romeiro á poucos passos para aquem da parochia de Ribandar. Ha ali uma calçada de 10 a 12 passos de cumprimento, mas algum tanto impinada. Naquelle tempo ella era mais ingreme, e mesmo talvez mais extensa. Hoje está suavizada e bastante luz.

Ha, porém, até hoje a respeito della a mesma crença popular dos velhos tempos, de ser esse um dos sitios mais frequentados pelo que nós chamamos *o vento ruim*.

Simplicio *o gago*, quando topou com a extremidade inferior da calçada, lembrou-se da tradicção popular; e poz-se a mirar em torno de si, se via alguma coisa de sinistro, que confirmasse aquella suspeita, que para elle não passava disto.

Ora por infelicidade do rapaz, que havia elle de ver? Um vulto alto, todo branco da cabeça aos pés, parado á extremidade superior da calçada.

Simplicio tambem parou. O coração já se lhe não sustinha no peito; mas em fim tomou coragem, apertou o punho no pau que trazia ao sovaco, e proseguiu. Proseguiu tambem o nevado vulto.

5.º

O diabo fugindo do rapaz e o rapaz do diabo.

Caminhando foram os dois entes, sempre a igual distancia um do outro. Parava o mestre a tentar uma experiencia e o vulto tambem parava, com a vista sempre fixa no viandante trazeiro, que faria o mesmo ao seu cruel perseguidor.

Parava repentinamente o vulto, e o mestre não tinha coragem de seguir; persignava-se e o vulto o imitava em tudo; -- parecia espionar-lhe todos os passos.

Convicto não estava ainda o sr. Simplicio Fernandes, de que aquillo fosse uma alma purgatoria. Mas achou mysterioso o vulto; -- não homem vivo, mas tambem não homem morto. Julgou por fim ser o *diabo*.

Seu pau de rosa que inda estava ao sovaco e de lá não saíra, tornou a dar-lhe alento contra as tentações do demoninho, e eis de novo o mancebo a continuar sua derrota. O vulto branco foi-se andando igualmente; e o mau era que não variava a distancia que ia d'entre meioaos dois. Esta circumstancia mais que todas influiu no animo do povem peregrino.

Vendo-se este de novo fraco, julgou dever praticar o final exforço d'animosidade correndo resolutio a descarregar um mortal golpe na cabeça do *diabo alvo*.

Historias! O vulto havia desaparecido; e o aggressor fôra das a tremenda paulada a uma pedra salmourasaa, quu se destruiu com a mesma pressa que o pau.

6.º

Simplicio em penitencia.

O alvor da madrugada pronunciára-se melhormente. A hora estava serena. Simplicio Fernandes, pusilanime como nunca, enchera-o de afflicção a aventura que experimentara; e mais dois passos não podia dar para adiante do triste sitio de que queria fugir.

Mais socegado, porém, com algum tempo, adiantou-se e tomou assento no primeiro lugar commodo que encontrou. Ao umbral da primeira porta, que apanhou no bairro de S. Pedro, descansava o fatigado viandante, resava um padre nosso, em louvor de nossa Senhora da Piedade, e manducava de mansinho a 4^a parte do bolo que levava no bolso, primeira refeição para o afflictinho, depois de tanta lucta do coração.

E foi-se d'ahi meia hora depois. O sol rompia-lhe no horisonte, ao avisinhar-se do convento em que devia paarticipar de tão disputada graça do jubileu.

Desde o alvorecer do dia até o meio dia ficou o o devoto a resar junto dos altares do templo. E pelo que me disse elle, restava-lhe ainda fazer uma visita geral a todas as igrejas de todos os conventos que por lá havia -- Creio eu eu se lh'o impuzera como a todos no seu caso em penitencia de suas faltas.

Quando, pois, ao meio dia, cessou de resar, apalpou logo a sua algibeira. Dahi á nada viam-no dar conta da 2^a divisão do seu querido bolo, e correr a recber quatro gotas d'agua da pia, que lá ficava a porta.

7.º

O compadre Mello.

Entre a immensa multidão ia confundido o obscuro peregrino de Pangim tacteando de quando em quando a morada feliz do elicissimo, que estava felizmente ainda em quarto minguate, graças a pouca fome do sr. Simplicio.

Trinta aventuras succederam ao homem até a moite, as quaes escuso mencionar aqui; porque o leitor ficava entretido com a historieta, tendo como he de suppor, affazeres á que prestar atenção.

Nem eu tambem me vejo agora de pachorra precisa para accumular contos em contos, até fazer destas minhas aventuras, disse mal, d'estas aventuras do sr. Simplicio, um livro bom, grosso, comprido, volumoso, que me possa render pelo eximplar uns tantos xerafins. Não tomo nada.

Voltando, pois, ao heroe: não largára o corajoso ex-estudante de latim, durante todo o tempo que gastou nas visitas; e quando por meio morto de cansado quiz estar de volta, a companhia do sr. Mello, seu amigo e cumpadre, morador na freguezia de Ribandar, mais para a ponte de Linhares, de que já Simplicio não fazia caso algum; porque são e salvo já fora por ahi acima.

Mas para desde o sitio em que lhe ficàra o seu pau de rosa até a celebre calçada d'ao pé da igreja precisava d'alguem que o livrasse de novo assalto do alvo habitante da casa luciferina.

Pegou-se então ao mestre Mello, e esteve de volta para sua casa.

Eram 7 horas da noite. O sopro da briza acalentava-os brandamente. Era doce a claridade da lua.

8.º

Quem dos dois era o diabo. !

E o sr. Mello estava pensativo, e Simplicio Fernandes não menos, quando chegaram para junto da sepultura do lembrado *pau de rosa* do meu heroe.

E o sr. Mello depois de longa pausa interrogou "que tem você, Simplicio?

Simplicio. E voce que em?

Mello. He muito triste sitio aquelle.

Simplicio. Ai, que tremo quando me vou chegando; he verdadfe, he um lugar pessimo.

Mello. Pois que! tambem lhe aconteceria!

Simplicio. Que lhe succedeu a você?

Mello. Ai! Vi um vulto preto, medonho, horrivel, que me perseguiu desde a igreja de Ribandar, até ahi.....! Ai! graças á Maria Santissima escapei!

Simplicio. Conta-me essa histtoria? (*Treme cada vea mais*).

Mello. Em casa, em casa; aqui não he bom lembrar.

Seimplicio. He verdade. Vamos, (agarrando-se ao braço do companheiroI.....)

Junto á ladeira tremiam ambos. “He ali, dizia um, he ali que estava o *asmodeu*, preto como um negro”-- “E o que me perseguiu á mim, replicava Simplicio, branco como a neve, estava aqui em cima, o cruel, o maldicto.

Mello nutria já algum pouco de suspeita, e todavia não ousava leval-a ao conhecimento deo compadre Simplicio. Chegaram por fim á casa e ventilaram o negocio. Simplicio, pernoitou com o compadre, para não passar a ponte às 9 horas de noite, e sem o pau.

9.º

Como he que foi a passagem.

Como he que foi a passage cumpre-me agora dizer a leitor que deixei de certo ancioso pelo descobrimento do mysterio.

Simplicio Fernandes vestia escuro. Compadre Mello vesti branco. Ambos caminhavam os mesmo tempo. Um crêra ter o diabo adiant, outro atraz. Mediu um os passos d’outro, cada qual mais assustado. E por fim o sr. Mello, quando Simplicio avançou para elle com o pau, poudo felizmente occultar-se sem se deixar sentir por detraz d’uma arvore.

Ora havia coisa mais simples! O que faz um receio!

10.º

A ultima partida do bolo e o adeus dos amigos.

De madrugada, no dia seguinte, Simplicio Fernandes, *o gago*, alentava o estomago com os restos mortaes de seu bolo, interminavel provisão, de que boa parte fora offerecida, sabe Deus se por amisade, se porfavor, ao compadre Mello.

Este dormia ainda, qundo Simplicio ás 6 horas da manhã sahiu para a sua casa. Para não acordal-o exogitou um meio que lhe exprimisse o seu adeus. Foi metter-lhe entreos beijos o ultimo bocado de codea requeimada, que ainda lhe ficara na mão.

E feito isto veio com Deus; e passou tres dias a contar aos amigos a galant historia do *fantasma*. Ainda bem que assim fez. D’outra sorte não m’a liam hoje. Porque eu não imagino nem invento. E Simplicio Fernandes era preciso que vivesse hoje para lhes contar.

II

Um jesuita

Aos 25 de novembro do anno do senhor de mil oitocentos e vinte e nove, na nossa velha cidade de Goa, devia ter lugar, como sabem, a festividade da bemaventurada Catharina, nossa padroeira, desde que esse dia havia saído tão propicio ás armas portuguezas na conquista de Goa, tão admiravelment effectuada pelo valente guerreiro que Luiz de Camões devia de chamar depois o Albuquerque terribil, e que devia morrer, na propria phrase daquelle vice-rei = mal com o povo por amor do rei e mal como o povo por amor do rei.

A festividade religiosa, que era, poderei bem dizer, ao mesmo tempo uma festa nacional, celebrava-se já então, como até hoje , n’essa notavel capella, que hoje vêmos situada no local, onde outr’ora se achava, segundo algumas notass historicas m’o dizem, a antiga porta da ribeira.

Com a tropa que n’esse dia desfilava para a capital inruinada do oriente de Vasco de Gama, marchava tambem o então batalhão dos artilheiros, á postar-se no lugar de costume, proximo da capella.

Dois dias ante d’essa data um desconhecido pedia ser admitido a sentar praça entre os artilheiros, e tendo sido attendido na sua pretensão, na guarda de honra que se

dirigiu a Goa, marchou tambem o novo soldado, que apenas disse chamar-se Manuel de Jesus.

O povo corria em bandos á festa de Santa Catharina. De todos os pontos do estado a plebe se dirigia para aquella moderna Palmyra, tão lamentada de seus filhos como do mundo, mas que não viu ainda talvez o Wolney que chorasse sobre as suas ruínas.

Aquelle colosso que altivo fôra um dia visto nas epochas douradas dos Martim-Affonsos e Vidigueiras, desabado por terra, depois que -- e bem cedo! -- o echo da trombeta malfadada lhe soara annunciando a proximidade da sua desdita, já então no tempo a que me refiro, não mais era do que o centro deplorável de edificios esboroados e desertos que desafiavam queda, e se reduziam a crescentes montões de rebolos.

Nem uma alma se apercebia vivente naquelle recinto soberbo, que um dia houvera que tinha chegado a encerrar dentro de si trzentos mil homens, formando um povo feliz, quanto mais pezada devia ser a mão do fado que o opprimesse debaixo do seu jugo.

A solidão, porém, reinante n'aquelle deserto cheio de grandiosas tradições, e produzindo um silencio só interrompido pelo piar afflictivo dos mochos, ainda bem que em dias marcados se veste de uma gala, alegrada pelo rumor das populações que acorrem, sob um espirito de devoção e peregrinação, á esses poucos monumentos que o tempo nos soube felizmente respeitar e conservar-nos como reliquias dispersas da gloria e fé religiosa d'um povo e d'uma nação, que chegou a assoberbar-se á sombra do estandarte sublime que em toda parte levantou, e do alto do qual a victima do Gethsemani não duvidou uma vez lançar-lhe a sua benção divina.

E o povo, ia eu dizendo, se apinhava nas ruas, e animava os lugares publicos da cidade velha, e se agglomerava junto da capella, onde tinha lugar a brilhante festa. Centenas de embarcações demandavam simultaneamente os caes e os tomavam com aperto; e o ruido das carroagens se fazia tambem ouvir ao longo d'aquellas ruas; e os sons da musica e dos canticos suaves da igreja, diminuiam sensivelmente a melancolia habitual que reinava n'aquella desolada cidade.

Entre a gentilha, que apinhadamente se acercava da capella da padroeira, o leitor terá bondade de reconhecer simplicio Fernandes, o *gago*, seu tão recente aconhecimento, que inda ha pouco lhe pude fazer adquirir.

Intrometido na multidão, e com ella o mestre Simplicio parára também ao pé do templo, a olhar attonito e curioso, em quanto o acto não começava, para o senado e diversas corporações veneráveis que ali se tinham reunido; e a seu tempo intrava tambem á orar n'aquella ermida curiosa, já tão cançada como tudo o mais que nos resta por lá.

Se me eu propuzesse aqui descrever o acto ecclesiastico e nacional, não se me dava de vos contar uma por uma as circumstancias todas d'elle, desde o troar do primeiro canhão que saudava á chegada do vice-rei até a ultima oração, que murmurasse a devota tardia que se reservasse para o final momento, por melhor commodo, e mais folgado culto.

Bem longe porém de tal fim, o que eu quero he narrar singelamente um conto, que teve o seu principio já depois de terminada a festividade, e quando a cidade desamparada, voltara ao estado primitivo de solidão e silencio, que só devia ser interrompido outra vez, em dias semelhantes.

Acabada, pois, e já tarde a festividade de S. Catharina a tropa se recolhera aos seus quartéis, e se passara revista á gente. D'entre as praças que tinham marchado, viera de menos uma. Era a nova praça desconhecida quem havia tão de repente desertado. Procurou-se immediatamente por uma escolta que fôra destacada em busca do soldado desertor. E a escolta, passados tres dias de pesquisas inuteis por toda a parte, voltára sem elle; e não houve mais que lançar-se a nota respectiva de deserção nos assentos do regimento.

Esses tres dias passara-os Simplicio Fernandes em casa d'um seu amigo de Marcella, e na tarde do terceiro, que era 28 de novembro, voltava para sua casa, tomando, bem se vê, um companheiro para o longo caminho, para que outra alguma

aventura o não intimidasse, como aquella que já tive o prazer de levar ao conhecimento publico.

Mestre Simplicio viera andando até as ruínas do collegio de S. Roque, que se extendia até a famosa calçada que leva para o mosteiro de S. Monica, situado no alto da collina, que ficava sobranceira ao collegio enorme da celabrada companhia de Jesus.

O sr. Simplicio ainda se achava possuido dos maus humores que um bom vinho lhe havia abalado, e toldava sob a influencia da bachica electricidade que trazia da mesa do seu hospitaleiro amigo Bem se vê pois que mestre Simplicio se achava habil e prompto para quantas imprudencias lhe suggerisse o seu pouco serio estado.

Assim viera, pois, até as ruínas do collegio de S. Roque; e era sol-posto, quando viu passear sosinho e cauteloso um homem que parecia estar a procurar n'aquellas ruínas alguma coisa preciosa.

A' chegada dos dois festeiros, Simplicio e seu companheiro, o homem que exercia atitudes de um phantasma, aproximou-se e cumprimentou os dois viandantes convidando-os a dispensar-lhe dois momentos de attenção. -- Eles concederam.

"Já que pois me fazeis essa graça, disse-lhes então o vulto, dignai-vos de seguir-me para um lugar, onde possamos conversar sem sermos vistos".

Escusado he dizer que aquelle homem era o mesmo Manuel de Jesus, que cinco dias antes sentára praça na artilharia d'este estado, e dois dias depois desertára do corpo, sem que se deixasse encontrar.

Mas quem era esse desconhecido aventureiro, que se appellidava Manuel de Jesus? Permitir-me-hão descortinar isto.

Manuel de Jesus Ferreira, era porventura o ultimo membro prescripto d'aquella afamada companhia. que tivera por seu fundador Ignacio de Loyola, e por o melhor de seus irmãos Francisco Xavier, esse apostolo magnanimo que vivêra exemplo de santidade e morrêra gloria da religião e da virtude -- daquela companhia que arvorára com o andar dos seculos o estandarte da hypocrisia e que erguera suas vistas cubiçosas aos dominios de todos os povos, -- que velava com Le Tellier á cabeceira de Luiz 14º moribundo como velára os 2 Ferrari sobre o berço de D. Sebastião nascente para fazer delle um rei escravo de seus dictames, -- d'aquella companhia finalmente que o marquez de Pombal soubera abominar e destruir, descarregando o ultimo golpe, e mortal, sobre aquelle poder immenso que a força de tentar ser grande se fizera absurdo, cruel, e impassivel.

Simplicio Fernandes accedera com a mais malventurada promptidão á proposta de Manuel de Jesus. Essa promptidão já começara a assustar seu companheiro, a quem lhe restava ainda algum sizo. Teve, porém, de seguir Simplicio ao sitio para onde os levava o jesuita desgarrado.

O sitio á que chegaram era um plano aberto entre frondosos arvoredos, que escondiam a abertura de um grande subterraneo. A tradição nos conta que esse subterraneo communicava por baixo das caserias os dois conventos de S. Roque e S. Paulo, que os jesuitas possuíam na cidade, e que existia gambém um ramo que levava de S. Paulo ao velho S. Domingos.

Manuel de Jesus, tendo levado Simplicio e o seu afficto companheiro para aquelle subterraneo, fechando sobre si o alçapão que o occultava, á chave bem segura, fêl-os assentar sobre o pavimento que estava humido, mas de uma humidade, que não sei porque exquisitesce saia aprasivel ao sr. Simplicio.

Estava em pleno limbo. O hospedeiro porém dissipou logo as trevas e d'entro de um momento o subterraneo estava iluminado. Tendo feito isto, Manuel de Jesus, assentou-se também, e começou pelo modo que se segue o breve discurso para que pedira aos dois viandantes sua attenção.

"Eu sou, disse-lhes elle então, eu sou um pobre padre da bemaventurada companhia de Jesus, de quem foi aquelle grande convento sobre cujas ruínas me vistes passear solitario, e de quem kpela maior parte foram todas as obras gigantescas e monumentaes, que existem e existiram nesta terra, como em toda a parte onde o seu braço forte fez valer a grandeza do seu sominio sacrossanto.

“Vós sabeis porque maldoso despotismo o tyranno Pombal, aquelle altivo ministro d’el-rei D. José 1º, perseguiu a companhia dos santos padres até extingui-la. A maior parte dos meus companheiros foram presos, e d’entre os poucos que puderam escapar o mais moço de todos sou eu, que me refugiei em terras extranhas e andei a pedir o auxilio de alguns povos que assim como acolheram os jesuitas a exemplo de Portugal, os repelliam igualmente ao brado do despota, que um capricho insolito collocara atraz do throno dos portuguezes.

“Vivi miseravel, e não ousandio pôr termo aos meus dias, que havia jurado dedical-os ao serviço da religião e da fé, vim a este paiz, disfarçado e de modo que não me fosse metter nas garras dos maus.

“Sentei praça no batalhão de artilheria, e n’outro dia marchei com aquelle corpo para a festividade da martyr Catharina.....

-- Um! he o senhor! -- atalhou Simplicio que me parece começára apenas a perceber estas ultimas palavras -- andavam-no procurando por cá..

“Será e não me podiam achar; porque não chegavam á este esconderijo, onde vós, meus amigos, passareis a noite melhor que em qualquer parte. Deixai-me, porém, concluir.

“Desertei n’outro da guarda de honra, que veio assistir á festividade, e vim aciytar-me nestes sitios. Não sabeis porque?

“Os meus irmãos da companhia, bem o sabem todos, adquiriram fortunas consideraveis, e nos seus ultimos annos, quando lhes soou a voz do seu destino, esconderam immensos thesouros, que devem existir bebaixo destas ruinas que eu empreguei tres noites, felizmente allumiadas por um luar claro, em explorar.

“Sei o segredo de desenterrar esses pesados cofres, e quero vêr se posso assim remediar as necessidades dos ultimos dias que me restam. Se me ajudaes em mais algumas excursões, á vós que eu tomei tão de boa mente para meus confidentes, dar vos-hia parte do thesouro que descobrisse, e mais ainda, ensinar-vos-ia o segredo de os achar, se.... se guardasses fielmente o meu”.

A ambição começara a roer as entranhas dos dois infelizes que um momento aziago conduzira á um laço, como veremos. A historia dos thesouros, fazendo-lhes lembrar a tradição que confirmava o dito de Manuel de Jesus, os havia ligado de tal modo ao aventureiro que demandava os seus serviços. Ficaram, pois, ali.

A’ meia noite sahia do subterraneo o disfarçado discipulo de Loyola, a percorrer as ruinas de suas casas com um de seus hospedes. O outro ficava a guardar a habitação.

Dois dias foi sito. No terceiro o padre levou consigo tão somente o companheiro de Simplicio, e este como mais corajoso ficou de sentinella no esconderijo. Os dois exploradores haviam tomado os instrumentos necessarios para uma exumação.

Tudo preparára d’antemão aquelle perdido Symbolo da corporação memoravel que se quedára.

“Deus seja connosco, disse elle, abraçando Simplicio e despedindo-se, -- ore por nós, meu irmão, e por si, que nós o pedimos tambem ao supremo Deus.” E saiu com o seu companheiro que se chamava Henrique de Souza.

Manoel de Jesus e Henrique de Souza pararam ao sopé de uma cruz alta e magestosa, que parecia ser de ha quatro seculos e era toda d’uma só pedra.

O jesuita ajoelhou a orar junto d’essa cruz; e seu companheiro contemplava silencioso aquella obra veterana, velho penhor de antiguidade, que nos ficava ali.

Erguera-se apenas o padre; ouviu-se repentinamente um tremor de terra, que assustou Henrique. A cruz veneranda desabou logo, e debaixo della viu-se um grande caixão de cobre erguer-se para fora da cavidade. O jesuita tirou uma chave, que trazia, e abriu. Continha dinheiro em oiro e ricas pedras, que fascinaram os olhos de Henrique de Souza.

Mas os jesuitas se lhes convinham obreiros que os ajudassem, não lhes convieram nunca testemunhas que os compromettessem. A tradição, que á Simplicio falara dos thesouros soterrados da companhia, não lhe havia lembrado os esqueletos de muitos

infelizes, que haviam perecido ás mãos dos filhos degenerados da igreja, e dsapparecido nas paredes de S. Roque e de S. Paulo.

Por isso, quando Manoel de Jesus ensaiou-se com o caixão nos hombros e pôde supportar o seu peso, Henrique de Souza, assassinado por elle, que não queria deixar essa testemunha no mundo que o devia perseguir, era atirado cruelmente para a cavidade donde saíra o caixão; e á uma 2^a oração a cruz se erguera e se consolidára como d'antes.

E o assassino com o caixão sobre os hombros desapareceu; e nunca mais se houve saber delle.

E Simplicio nesta crise fatal, tendo esperado debalde os excursões, invocou Deus, que o pôz fora do sbterraneo. Mas não obteve saber nada do amigo, que perecera victima de uma imprudencia, que ainda bem que não chegou a victimal-o á elle tambem.

Trinta e sete annos são passados por cima deste acontecimento, de que a justiça, tendo tido suspeitas, nunca pôde dertificar-se.

E o mundo continuou o seu caminho como até ali.

III

Onde é que está a riqueza

1º

He agora um conto simples, que não cançará a paciencia dos meus ledores, se ainda a tiverem para dispensar á paginas despidas de todo o entremeio dos episodios, maus de se lerem, peiores ainda de se contarem, quando fallece humor para tanto.

Era uma monção pequena de Moçambique á Goa. Com feliz viagem haviam chegado embarcações costeiras de zanzibar, trazendo cartas e notícias dos que por lá vivem e do que por ali vai, que nos diga interesse.

D'entre as cartas que tinham vindo, uma era sobescriptada á Simplicio Fernandes, mestre alfaiate, reisdente na de cidade de Nova Goa. Era um desses acontecimentos tão raros, que omestre Simplicio logo lhe palpitára ocaração de alegres esperanças de uma feliz noticia.

O eximio official da agulha abrira precipitado a carta, lera-a ainda mais precipitadamente, e soltara um profundo suspiro, que mais houvera parecido o lento respirar de quem se acha longo tempo suffocado.

Ao suspiro succedera a prompta licencição dos operarios da officina, o vagaroso incerramento de todas as janellas da casa, e por fim um chamamento desalentado do mestre pela sua esposa.

Á voz do alfaiate, sua mulher apparecêra, baixinha e magra, de meigo porte, olhar vivo, e um todo bemfeito, d'uma feitura que dera alarme em toda a alfaiataria contemporânea, e a que mais de uma vista fidalga não deixára de se dirigir, innocentemente talvez.

O mestre se communicára em breves termos com sua esposa, que tendo recebido delle a importante noticia, que rezava a carta, fôra-se, mas com algazarra lagrimal que melhor soára um momento depois, ao qual som a visinhança depertada e indagadora, como tambem promptamente sensivel, officiosa e cortez, accorrera com muita pressa á casa do mestre.

Mas que queria dizer tudo isso? Saber-se-ha. Continuemos entrementes a nossa narração.

2º

Os contados mezes de um luto que o mestre tomou, haviam passado desapercibidos. Mestre Simplicio andára absorto em preparos de uma viagem; e em momentos de vagar, resmungava comsigo alguma coisa.

“Trezentos mil cruzados! -- dizia elle -- é uma alegre fortuna, não achas, Guilhermina? Bem haja na outra vida o nosso bom tio, que nos contemplou nesta miseria! Na verdade, estar a gente toda a vida agarrada á agulha e ao pano, para ter

algum pouco de arroz, que dê o sustento indispensavel!..... Em fim, Deus ollhou-nos, e uma melhor sorte nos espera, e

E a sr^a D.Guilhermina não respondia. De costas para o marido, entretinha-se em pentear-se e em dar cata aos piolhos que lhe saíssem sobre o pente.

Ora façamos côro com as reflexões do sr. Simplicio. Effectivamente, trezentos mil cruzados, excellente pechincha era para quem como mestre Simplicio, pouco possuia em metal. Todavia esse rico thesouro ainda ficava por impalmar, correndo para além de não pouco temerosos mares, dos quaes as negras procellas mais de um desastre têm causado.

Pouco ou muito, pois que o mestre queria dinheiro, o dinheiro-rei que tanta coisa tem feito e terá de fazer neste bom mundo, era forçoso imbarcar.

3º

Entre longos aprestos e crescentes ancias, lá se fôra onegrejante inverno. A nossa barra, possuindo a melhor das defesas que a natureza nos deu para o decurso do tempo que os aguaceiros nos inregella, abria-se por fim já, e solemnemente correria por cima do velho *banco* a imponente espada do S. Lourenço de Linhares.

Apos barcos e barcos e no fim de longos mezes, haviam entrado no porto de Nova Goa os brigues, que em *monção grande* deviam velejar para a Africa oriental.

Carregados do pouco que ha de appetecivel aos nossos irmãos indo-africanos, tinham erguido ancora os viageiros brigues. Mestre Simplicio Fernanddes imbarcara finalmente. Um fagueiro vento o levara, seu caminho. Deixemol-o ir e se possivel he, acompanhemo-o com a iamginação.

Fôra-se e chegára com tão feliz viagem, como não fizera ninguém. Deitava o pé em terra (e não me disseram se foi o direito ou o esquerdo) entre cortejos de amigos, que vinham saudar o ditoso herdeiro do tio Jeronimo (chamava-se Jeronimo o tio) e gozos de admiração e parzer com que olhava extasiado para a primeira cidade que via, fora da sua obscura terra natal, cidade que elle achára bella de grandes edificios, de cultos senhores, dominando almas intrevadas, como essas que das trevas têm a côr -- os cafres -- cidade aquella em que Simplicio esperava o gozo dos melhores dias da sua vida, graças á paternal justiça de seu tio.

Coitado, que se deixava inebriar n'uma esperança assente em ventura illusoria, cujo eixo, com pena o digamos, mão do destino partira bem antes de as felizes ancias o levarem pressurosos a essa boa terra.

Custa tanto recordar isto!..... Felizmente o sr. Simplicio é morto, e conto não ir renovar-lhe a sua *infandum dolorem*, com a marração. Contarei.

4º

Em quanto o mestre calculava reclinado sobre o velho canapé da sua casa, alguém mais se habilitara como herdeiro de Jeronimo Fernandes. -- O testamento deste, que provavelmente era noticiado na carta que Simplicio recebera, desaparecido em momentos e muito a tempo, tarde chegára á mão do instituto. A justiça, que muitas vezes acha provado tudo reconhecêra o desconhecido como legitimo herdeiro, e lá se fôra elle encetar, com o grande expolio, uma brilhante carreira commercial nos Brazes de Cabral.

E Simplicio Fernandes, longe da patria, n'uma terra extranha e inhospita, e sem o menor vintém na mão!

Não descorçoára, porém. As esperanças se lhe tinham tirado de sobre a grande herança que lhe fugira, achando elle inutil seguir-lhe as pegadas.

Depositára então a sua confiança plena nos amigos e patricios que o cercavam, e que ao longe da patria são sempre muito bons. Os d'elle, no rigor da sua posição, haviam sabido ser amigos.

Um momento crente nas fortunas repentinas e luxuosas, voltára de novo suas atenções para a doçura do trabalho, que toda vida provára, e no qual então punha toda a sua confiança, depois que um lance triste o levára á estabelecer o parallelo entre as riquezas deste optimo mundo.

Amava o trabalho, trabalhava. Quando depois voltava ao seu paiz apresenta-me uma nota, que dava:

“Por uma bêca feita ao juiz C. dentro de uma noite.....20\$.

“Do presidente da camara, por uma capinha de setim

lembrada 2 horas ante de um cortejo.....3 libras

“C.P. quando lhe forrei o caixão a um defuncto.....25 cruzados

E assim continuava a nota. Poucos mezes de trabalho, bem pago felizmente, dera-lhe um capital que podia attenuar bastante as necessidades de sua familia. E com esse capitalzinho veio procural-a.

5º

Em um dia de outubro batia a porta da sua casa. Viera abrir-lh’a um militar de barbas. que trazia as divisas de sargento.

-- Minha mulher! pergunta espantado Simplicio.

“Sua mulher! -- corresponde o militar ainda mais espantado.

-- Sim, a minha Guilhermina que mora aqui. Pois não é esta a minha casa?

“De certo que não é, vá-se com Deus.

-- V.mce. manga commigo? Esta casa não é minha!

“Nem a casa é sua, nem... nem quero mais dar-lhe ouvidos. -- E fechara sobre elle a porta.

Mestre Fernandes estava desorientado. Não se assustara, com tudo e tivera a paciencia de inquirir e indagar as coisas.

Viera por fim de contas, a saber que sua innocente esposa, descuidosa do pão do dia, e mais entregue ao atavios que a realçavam, vendera um a um os moveis, depois a casa, despendera o preço de tudo isso, e passara a servir de ama de leite ao filho de um cirurgião do corpo, serviço que em breve tempo lhe cessara, vivendo ella á mingua fora da capital.

Afflicto masi pelas desventuras da esposa, do que pelas suas imprudencias, correrá a procural-a e conseguira reunir-se-lhe; e em pouco tempo annullava a venda da sua casa, despejara della o intruso hospede, restabelecera inteiramente a sua vivenda, e tornara a abrir a officina aos seus bons freguezes.

6º

Acresce um facto, que testemunha a actividade e honradez provada de mestre Simplicio.

Era uma vez uma velha que morrera (isto foi no Ibo) intestada, dispondo vocalmente d’uma grnade fortuna para um creoulo que tinha.

Antes que a arca dos mortos cobrasse o expolio, era preciso que o pobre creoulo o puzesse a salvo. Assim se fez e elle pediu a mestre Simplicio, para que lhe fosse tomando conta no que mandasse.

Um carreteiro trouxera uma carteira, que ficara aberta.

O mestre não fez abalo; deixou ficar a carteira, e depois de o carreteiro se ter retirado, fecho-a, tirou-lhe a chave, sem querer saber o que continha.

Em o creoulo voltando, contara-lhe o caso, surrindo-se, fôra este examinar a carteira, e Simplicio então vira que a caixa continha dinheiro em oiro. A fidelidade com que se portara lhe fazia receber por mãos do seu amigo, um innocente premio de cem moedas, das mais amarellas que tinha visto.

Tambem vinha consignada esta quota nos apontamentos dos seus ganhos.

“Aqui está, -- dizia elle consigo, igualmente assentado sobre o canapé que reivindicara, e tendo acabadorde ordenar alguma curiosidade, -- isto é o fruto do meu trabalho. O trabalho tem sido a minha vida e o meu sustento. O trabalho é ao presente toda a minha ventura. O trabalho hade ser a melhor das minhas recompensas neste mundo. Quem me poderia apresentar outra alguma riqueza, tão preciosa como esta?

--Eu! -- atalhou um amigo que nêsse momento entrava.

“Onde está, pois, essa riqueza?

-- Na honra!...

Os dois amigos abraçaram-se, e se mirraram pelo funda daquela vivenda.

Publicado na *Ilustração Goana*, 1866, n.4,
p.4-9; n.5, p.5-10; n.7, p.5-8.